

ZONAS ERÓGENAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: REPENSANDO AS SEXUALIDADES NA FORMAÇÃO DOCENTE

EROGENOUS ZONES AND PEDAGOGICAL PRACTICES: RETHINKING THE SEXUALITIES IN TEACHER'S EDUCATION

Samilo Takara¹
Teresa Kazuko Teruya²

Resumo:

Este artigo analisa uma página *online* da revista **Nova** intitulada *Mapa das zonas erógenas* para discutir as representações das sexualidades no material e as pedagogias culturais inscritas nos textos e nas imagens fornecidos pela publicação como possibilidades para uma formação docente atenta às identidades de gênero e sexual. Vislumbra-se esse material midiático como artefato cultural que apresenta os corpos de um homem e de uma mulher, apontando os locais onde estão as zonas erógenas para cada sexo. Embasados pelas teorizações feministas e foucaultianas, ancoradas nos Estudos Culturais, e utilizando o material disponibilizado pela revista para discutir a naturalização e a fixação do desejo e das sexualidades atreladas aos corpos biologicamente, questiona-se a formação docente como uma capacitação neutra e centrada no conteúdo. Atentos às perspectivas das afetividades e dos desejos, propõe-se a inscrição dos discursos acerca das sexualidades na formação de professores e de professoras para instabilizar as noções de ciência e de verdade. Desse modo, somam-se as questões subjetivas como perspectivas pertinentes à formação docente. Considera-se que a compreensão dos corpos e das sexualidades como inscrições que alteram as subjetividades contribuem para pensar sobre os modos de ser e de agir no mundo e na formação de professores e de professoras para indagar, estimular, discutir e problematizar as possibilidades sexuais e de gênero nos diferentes espaços sociais.

Palavras-chave: Educação. Mídia. Sexualidade. Formação de professores.

Abstract:

This article analyzes a webpage of **Nova's** magazine entitled *Erogenous zone map* to discuss the representations of sexualities in the material and cultural pedagogies presented in the texts and images provided by the publication as possibilities for an attentive teacher's education towards gender and sexual identities. This media material is conjectured as a cultural artifact that displays the bodies of a man and a woman pointing out to each gender's erogenous zones. Based upon the feminist and Foucault's theories anchored in Cultural Studies and using the material provided by the magazine to discuss the naturalization and fixation of desire and sexualities biologically tied to bodies, it is questioned the teacher's education as a neutral and content-centric training. Attentive to the perspectives of the affections and desires, it is proposed the inclusion of discourses about sexualities in teacher's education to unsettle notions of science and truth. In that sense, subjective issues are added as relevant perspectives to teacher's education. It is considered that the comprehension of bodies and sexualities as inscriptions that alter the subjectivities contribute to think about ways of being and acting in the world and in teacher's education to inquire, encourage, discuss and problematize sexual and gender possibilities in different social spaces.

Keywords: Education. Media. Sexuality. Teacher's education.

INTRODUÇÃO

As mídias de massa e seus artefatos tecnológicos viabilizam as redes de comunicações

interativas e alteram as noções sobre corpo, identidade, práticas sexuais, desejos e afetos.

Esses territórios midiáticos veiculam imagens, representações e discursos acerca dos modos de ser, de pensar e de agir (SWAIN, 2001; LESSA,

¹ Doutorando e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR). Professor assistente do Departamento de Fundamentos da Educação. sami.takara@gmail.com. Bolsista Capes/Fundação Araucária

² Docente do Departamento de Teoria e Prática da Educação (DTP/UEM) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPE/UEM) da Universidade Estadual de Maringá. tkteruya@gmail.com

2005; TERUYA, 2006, 2009; FISCHER, 2001, 2002). Nossas interações foram transformadas com a internet, emergindo outras perspectivas mediadas pelas redes que alteram as relações entre “[...] as pessoas, as instituições, as companhias e a sociedade em geral” (CASTELLS, 2003, p. 10).

Com o impacto das tecnologias digitais em nossas relações sociais, culturais, políticas e econômicas, a internet tornou-se a “[...] expressão de nós mesmos através de um código de comunicação específico, que devemos compreender se quisermos mudar nossa realidade” (CASTELLS, 2003, p. 11). Para Thompson (2008), as mídias mudaram nossas relações com a visibilidade de si e do outro. O efeito dessas transformações é visível na ampliação das possibilidades de vivências e de experiências por meio das redes interativas. Compreendemos que as redes de comunicações possibilitam interações e contatos que contribuem para as subjetivações para a formação das identidades, além de possibilitar o aprendizado por meio de vivências diferenciadas e discursos que compõem outros olhares para a educação e a sociedade.

As mídias contribuem para percebermos os fluxos que balizam nossas relações que estão cada vez mais relacionadas às tecnologias e alteram os modos de pensar e de agir. Para Castells (1999, p. 436-437, grifo do autor) os fluxos “[...] são a expressão dos processos que **dominam** nossa vida econômica, política e simbólica”. Macedo (2010) evidencia a dificuldade em tratarmos de uma cultura da humanidade ou de culturas nacionais ao entendermos as dominações e as contra-hegemonias propostas pelas localidades que oportunizam visibilidades aos sujeitos.

Plant (1999) destaca que as redes foram organizadas em *links* e fios, e essas teias apresentam perspectivas, complexidades e relações. Reconhecer as multiplicidades presentes nas redes e as características hipertextuais – que vinculam, relacionam, ligam e interpelam as interpretações dos/as internautas –, faz com que a mídia torne-se “interativa e hiperativa, componentes de uma zona imersiva”. Assim, o “[...] fio nem é metafórico nem literal, mas apenas material, uma reunião de filamentos que se torcem e revolvem em torno da história da computação, da tecnologia, das ciências e das artes” (PLANT, 1999, p. 19).

A contribuição da autora para nossas leituras e análises é o reconhecimento das

apropriações diferenciadas acerca das questões de gênero e de sexualidade. A desigualdade em relações aos usos e às possibilidades das tecnologias também ocorre nos espaços interativos. As relações de interdependência e as possibilidades de atuação nas redes também marcam as relações desiguais entre mulheres e homens.

O homem considerou-se outrora o ponto final de tudo. Organizava, ela operava. Governava, ela servia. Fazia as grandes descobertas, ela se ocupava com as notas de rodapé. Escrevia os livros, ela os copiava. Era companheira e assistente, trabalhando para auxiliá-lo, segundo planos traçados por ele. Realizava os trabalhos que ele considerava rotineiros, frequentemente as operações subalternas, detalhadas, repetitivas com as quais ele não queria se incomodar, os trabalhos sujos, banais, semiautomáticos, que ele considerava abaixo de sua dignidade. Ele cortava o pano para receber um salário; ela costurava e era paga na base de peça produzida. Ele ditava e ela transcrevia. Nas fábricas e cotonifícios recém-mecanizados, ela trabalhava nos teares e máquinas de costura; no serviço das grandes máquinas burocráticas, ela processava as palavras, mantinha os registros, fazia as somas e arquivava as contas. (PLANT, 1999, p. 39-40).

Na perspectiva feminista embasada nos estudos foucaultianos, são visíveis as relações de poder e as imposições da sociedade acerca das relações de masculinidades e feminilidades. A atuação das mulheres e dos homens nos territórios midiáticos das redes digitais é uma das possibilidades de captarmos as interações, as relações e as construções sociais que se formularam com base nas redes digitais e nas mediações.

A fluidez e as inconsistências das interações sociais com a entrada da internet nas relações sociais, culturais, políticas, econômicas e culturais permitem outros olhares, possibilidades e experiências, antes quase impossíveis. Os que acreditavam controlar algo foram perdendo suas seguranças, liquefazendo as identidades, perdendo o controle, o lugar no mundo e os empregos, as relações foram profundamente alteradas e essas mudanças também atingiram o gênero, a sexualidade, os modos, os processos e os

posicionamentos que aprendemos, ensinamos e que formam nossos modos de ser e de pensar.

Concordamos com Teruya (2009, p. 162) que “[...] é preciso desconstruir o discurso midiático e desnaturalizar o óbvio que está na aparência das coisas, com base no conhecimento científico, cultural e filosófico”. Swain (2001, p. 71) afirma que “[...] as matrizes de inteligibilidade partilhadas e veiculadas pela mídia atualizam, das profundezas da memória discursiva, imagens estereotipadas do feminino e do masculino, mas não apenas em um espaço cultural definido”. Essas perspectivas fornecem reflexões para pensarmos a comunicação contemporânea.

Neste artigo indagamos que pedagogias do corpo e da sexualidade são oferecidas pelo *Mapa das Zonas Erógenas*, publicado em uma página online da revista **Nova** (2012). Problematicar as noções de sexualidade e do corpo nas relações interativas das redes informacionais oportuniza a desconstrução das noções fixas e rígidas de uma sexualidade voltada ao outro, ao *vouyer*, que é sempre a educação ofertada à mulher. Ser um fetiche, um objeto a ser olhado é uma das maneiras que a mídia trata o corpo e a sexualidade feminina (KAPLAN, 1995). Oferecida como brinde, como parte do produto, a mulher e sua corporalidade são simplificadas, os homens e seus modos de agir também são reificados e avaliados. O consumo de imagens eróticas, sensuais e de informações relacionadas às relações sexuais e às maneiras de conseguir tal prática também ensina como devemos pensar e agir como corpos sexualizados.

Nosso foco é o território midiático da **Nova**. Essa revista surgiu em 1973 no formato impresso e ganhou a versão digital a partir de 2000. Seu conteúdo é endereçado às mulheres, apresentando diversas informações e práticas para ensinar os modos de ser uma mulher sexualizada para conquistar seu parceiro e estimulá-lo sexualmente. O público-alvo dessas produções midiáticas, explicita Swain (2001, p. 71), é “[...] a mulher de classe média, jovem, com certo nível de instrução e renda, cujas preocupações e interesses são presumidos nos apelos publicitários e nos temas desenvolvidos”.

Hollenbach (2005, p. 43) analisa essa publicação em sua dissertação de mestrado e observa que, historicamente, as publicações “[...] destinadas às mulheres configuram-se como manuais a serem utilizados por elas na sua vida cotidiana”. Esses materiais midiáticos ensinam

receitas culinárias, trabalhos manuais, dicas de leitura e de comportamento na sociedade. Entretanto, a revista **Nova**, segundo a pesquisadora, tem um intuito específico de “[...] ajudar a leitora na ‘tarefa’ de conquistar um homem que possa fazer de sua exigência algo mais interessante” (HOLLENBACH, 2005, p. 76). No início, a publicação denotava um discurso de vanguarda, liberando a mulher para discutir, pensar e tratar de temas como sua sexualidade, seus desejos e seus prazeres. Nas páginas impressas e digitais, a revista **Nova** insiste em recomendar que a mulher precisa de apetrechos para ser sexual, sensual, provocante e desejada pelo possível parceiro. A pedagogia inscrita nessa publicação é de uma heterossexualidade monogâmica em que a mulher precisa aprender diferentes formas de agradar seu macho.

A “atitude”, “ousadia” e “independência” da mulher de **Nova** decorrem, sim, do fato dela trabalhar fora e ganhar seu próprio dinheiro, mas estão principalmente associados ao uso que ela pode fazer do seu corpo e sexualidade. Com um conteúdo editorial dividido em cinco partes, quando **Nova** fala de **Beleza e Saúde**, trata de sexo, quando fala de **Vida e Trabalho**, fala de sexo, quando fala de **Moda e Estilo**, fala de sexo, quando fala de **Gente Famosa**, fala de sexo e, para completar, tem uma editoria que se chama **Amor e Sexo**. Cada uma dessas editorias está subdividida em colunas, seções ou reportagens que ocupam quase sempre as mesmas páginas do magazine e não estão necessariamente agrupados. Ligando todos os aspectos da vida ao sexo, a revista sugere que todos os esforços das mulheres para se tornarem mais bonitas, magras, bem vestidas, interessantes, independentes financeiramente e até inteligentes estão direcionadas para a conquista de um homem com quem manter uma vida sexual, como se este fosse o objetivo máximo da existência feminina. (HOLLENBACH, 2005, p. 78-79, grifos da autora).

Swain (2001, p. 74) analisa as publicações midiáticas femininas e o formato dos corpos pensados e produzidos com base na orientação difundida pela “[...] indústria de cosméticos / perfumaria / ginástica / produtos dietéticos /

medicina / pesquisa”. Esse movimento, segundo a autora, é uma forma de “[...] melhor domesticá-lo, para controlá-lo e mostrar que, neste caso, a natureza pode e deve ser contornada, pois todas as mulheres têm ao seu alcance a BELEZA, caminho para o amor, o casamento, o jogo da sedução e da felicidade”. Esse processo de docilização e de adestramento do corpo feminino precisa ser desacomodado na formação docente no intuito de sublinharmos as práticas que constituem as relações afetivas, cognitivas, sociais e culturais, no intuito de encarmos professores/as como sujeitos construídos nos discursos pedagógicos.

DESEJO, AFETO E PRAZER: PEDAGOGIAS CULTURAIS NAS MÍDIAS

Os meios de comunicação ensinam. Seus discursos constroem modos de pensar e agir que justificam determinados limites, processos, práticas e fornecem elementos para que os corpos e as identidades sejam moldados nos padrões oferecidos pelo consumo. Swain (2001, p. 80) aponta o processo de “produção do corpo sexuado”, “o aparato da produção do corpo feminino útil e dócil dentro das normas heterossexuais, que instituem o binário inquestionável do sexo biológico no social”. Essas pedagogias do corpo fixam “representações instrumentadoras” que enrijecem desejos e que definem os comportamentos.

Os produtos culturais destinados ao público feminino desenharam, em sua construção, o perfil de suas receptoras em torno de assuntos relacionados à sua esfera específica: sedução e sexo, família, casamento, maternidade e futilidades. A ausência, nas revistas femininas, de debate político, de assuntos econômico-financeiros, das estratégias e objetivos sociais, das questões jurídicas e opinativas é extremamente expressiva quanto à participação presumida, à capacidade de discussão e criação, ao próprio nível intelectual das mulheres que as compram. O feminino aparece reduzido a sua expressão mais simples e simplória: consumidoras, fazendo funcionar poderosos setores industriais ligados às suas características “naturais”: domesticidade (eletrodomésticos, produtos de limpeza, móveis), sedução (moda, cosméticos, o mercado do sexo, do romance, do amor) e reprodução

(produtos para maternidade/crianças em todos os registros, da vestimenta/alimentação aos brinquedos). (SWAIN, 2001, p. 69-70).

Os discursos midiáticos visualizam as características femininas apoiadas em uma visão naturalizada por uma concepção simplificada de mulher que é amplamente aceita por uma grande parcela da população como correta ou incorreta. Esse processo de “mensuração” das *performances* fragiliza uma prática de conhecimento de si e adestra os indivíduos em corpos consumíveis. Concordamos com Swain (2001, p. 71) que diz que “[...] existiria talvez um projeto pedagógico que urde a trama dos sentidos assim veiculados”.

Recorremos, assim, à “ordem do discurso” amplamente discutida por Foucault (1987, 2009a, 2009b). Em seu livro *Vigiar e Punir*, segundo o intelectual francês (1987, p. 119), o corpo “entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe”. Nesse processo pedagógico de construção de corpos, a “disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’” (FOUCAULT, 1987, p. 119, grifo do autor). Se antes os corpos eram educados para o trabalho, organizados para estruturar a lógica capitalista que instaurou processos de ser e de agir, com a pluralização das redes interativas, a educação dos corpos torna-se atrelada ao consumo, tanto de produtos e de serviços para a docilização, quanto para o consumo de si. Os corpos construídos sob as medidas das publicações femininas são corpos para consumo, para serem degustados pelos olhares que são educados para uma estética de corpos construídos entre cosméticos e atividades físicas, corpos ciborgues, como destaca Haraway (2009).

A autora destaca as marcas discursivas das tecnologias de comunicação e das biotecnologias como “ferramentas cruciais no processo de remodelação de nossos corpos” (HARAWAY, 1984, p. 14). Essas ciências constroem e são construídas com base no paradigma moderno que fixa um controle do corpo. Para Foucault (1987, p. 132), o corpo é educado por “mecanismos do poder”: os exercícios, as práticas, os cosméticos, as maneiras de ver-se e de mensurar os outros colocam o corpo sob uma “mecânica racional” que é extremamente educativa tanto para as práticas de produção e de consumo, quanto para as relações sexuais.

Butler (2003, p. 154) explica que o sexo “[...] é um construto ideal que é forçosamente materializado através do tempo”. Não é apenas uma condição do corpo, mas uma lista de normativas que adequam as *performances* dos sujeitos. A autora refere-se à “força da lei regulatória”. Para Louro (2003, p. 14), os corpos são construídos “na referência que ancora, por fim, a identidade”, ou seja, são construídos por uma lógica de “identidade de gênero, sexual ou étnica de ‘marcas’ biológicas”, que, como nos ensina a autora, estão relacionadas também a uma noção de corpo ligado diretamente aos estereótipos disseminados e que são fixados nos discursos como parâmetros da identidade de gênero e sexual. Os sujeitos são direcionados pelos discursos a reconhecerem no consumo e no espetáculo as identidades fixadas pelo mercado e pela sociedade como masculinas e femininas. Essas marcas regulam as posições-de-sujeitos e suas visibilidades.

Os corpos compõem, mas não são fixados pelas representações de gênero e sexualidades impostas nos discursos sociais, culturais, políticos e econômicos. Existem pedagogias culturais que criam “guias mais confiáveis” para ser mulher e homem, como possibilidades de conhecermos as construções sociais das formas de corpo, de desejo e de sexualidades. Entretanto, as escolas tendem a não discutir as possibilidades, as instabilidades, os desejos, excluindo, em muitos momentos, do espaço escolar, discussões que “constituem parte significativa das histórias pessoais”. Para Louro (2003), a instituição escolar marca os corpos dos indivíduos, define práticas e valores e, também, é um espaço fecundo para o questionamento, a instabilidade e a releitura das normalizações acerca das construções das sexualidades.

Pensamos as sexualidades, os afetos e as subjetividades como componentes que constituem as identidades culturais. Recorremos a Deleuze (2011, p. 3) e tomamos por base sua explicação de linguagem como um movimento que “fixa os limites”. Assim, a possibilidade de vislumbrarmos linhas de fuga e instabilidade está relacionada ao que o autor chama de devir – uma possibilidade de vir a ser, de tornar-se, que não se fixa ou sedimenta, mas que oportuniza pensar-se, colocar-se na provisoriedade, discutida, também, por Hall (2003), ao tratar das identidades diaspóricas: estar em dois lugares ao mesmo tempo, mas não pertencer a nenhum deles. Essa sensação de diáspora, para o autor jamaicano radicado na

Inglaterra, é um exemplo de perceber-se como sujeito móvel, instável e passível construir outros olhares e práticas de si e do mundo.

Nosso objeto a ser analisado como contribuição para a formação de professores e de professoras na discussão acerca das sexualidades e das práticas sexuais é o *Mapa das Zonas Erógenas*. Esse material está disponível no *site M de mulher*³, que reúne as revistas femininas da Editora Abril, responsável pela revista impressa e as páginas *online* da *Nova*. Problematicamos, nesse material, a fixação das zonas erógenas nos corpos machos e fêmeas e a normalização dos desejos e das práticas sexuais que simplificam as relações dos sujeitos com seus corpos e suas sexualidades.

Para Deleuze (2011, p. 201, grifos do autor), as zonas são “eletivas” e podem ser vistas como “[...] **dados de superfície** e sua organização implica a constituição, a descoberta ou o investimento de uma terceira dimensão que não é mais a profundidade nem a altura”. Entendermos as zonas como uma projeção, não significa “[...] mais um mecanismo das profundidades e indica agora uma operação de superfície, sobre uma superfície” (DELEUZE, 2011, p. 201-202). Tomamos esses direcionamentos do autor para entendermos que essas zonas são “recortadas na superfície do corpo, em torno de orifícios marcados por mucosas”.

Deleuze (2011, p. 205) apresenta a metáfora em que o “corpo sexuado é o primeiro traje de Arlequim”. A referência a esse personagem da *Comédia dell’arte* está imbricada na fantasia do personagem que usa uma vestimenta composta de losangos coloridos. Temos nessa referência a ideia de que cada losango corresponde a uma possível zona erógena, a um possível espaço de subjetivação dos prazeres e das práticas sexuais. Ainda para o intelectual francês, a “[...] zona erógena é pois inseparável: de um ou vários pontos singulares; de um desenvolvimento serial definido em torno da singularidade; de uma pulsão investindo este território” (DELEUZE, 2011, p. 205). A satisfação, o prazer, a imagem do corpo é sempre em relação ao/à observador/a.

Nosso intuito em utilizar esse *corpus* de análise é evidenciar que as zonas erógenas não são fixas e comuns a todos os sujeitos. Essa

³ Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/revistas/nova/especiais/mapa-zonas-erogenas/index.shtml>. Acesso em: 5 out. 2013.

localização do desejo “[...] pode ser redobrada ou projetada sobre outra e fornecer a imagem de que a outra se satisfaz” (DELEUZE, 2011, p. 205). Nossa perspectiva é de que o desejo perpassa as relações discursivas, constrói localizações que são provisórias, parciais e fragmentadas e que não são capturáveis em si, mas antes descobertas, exploradas pelo sujeito do corpo ou pela relação com possíveis parceiros/as.

O material fornecido pela **Nova** abre discussões e possibilidades para pensarmos as localizações e as territorializações dos desejos, oferecendo pedagogias culturais que buscamos analisar para contribuir com a formação docente. Com o mapa fixo sobre as zonas erógenas podemos discutir as cartografias e as territorializações dos corpos e das sexualidades. Essa discussão oportuniza uma reflexão sobre os tabus que fixam os modos de ser e de vivenciar masculinidades e feminilidades e contribui para identificar preconceitos e estereótipos. Podemos questionar por que as mulheres têm os mamilos sexualizados e os homens não, o que deriva depois em marcas que generificam os corpos e impedem mulheres de usarem decotes ou não usarem camisetas e blusas porque seus seios são considerados mais sexuais que o peitoral masculino. Esse movimento traz as marcas dos discursos que se fixam nas construções históricas dos corpos masculinos e femininos e das práticas sexuais enunciadas nas mídias.

TRAMAS DISCURSIVAS: PEDAGOGIAS DO CORPO E DA SEXUALIDADE

Nossos corpos, nossas *performances* de gênero e as nossas orientações sexuais são embebidas de discursos que nos formam e que delimitam nossas possibilidades de atuação. A performatividade é uma possibilidade de agir, repensar, criar e reconhecer “uma norma ou conjunto de normas” (BUTLER, 2003, p. 167). Construimos com base nas vivências e nas experiências sociais, culturais, políticas, econômicas, afetivas e sexuais as relações que compõem nossas identidades por meio das continuidades históricas e dos discursos que reverberam e rarefazem modelos, modos e práticas de significação de si e do outro.

As *performances* sexuais são relacionadas às pedagogias culturais inscritas no mapa de zonas erógenas oferecido por **Nova** às suas leitoras porque “[...] a norma do sexo assume o controle

na medida em que ela é citada como uma tal norma, mas ela também deriva seu poder através das citações que ela impõe” (BUTLER, 2003, p. 168). Com base em Foucault (2009b), podemos inferir que a educação é um jogo de relações entre saber/poder que tem o intuito de manter e de modificar determinados aspectos que compõem nossas identidades e localizam nossos discursos.

A página online de **Nova** é a imagem de um mapa no plano de fundo, e no plano de destaque estão um modelo vestindo uma sunga e uma modelo vestindo biquíni. Entre o modelo e a modelo está escrito em verde “Mapa das Zonas Erógenas”, abaixo estão escritos “dele” e “dela” em branco. Entre “dele” e “dela” tem uma figura de bola de futebol com uma bandeirinha espetada escrito “GOOL!”.

Não encontramos referências de data desse material midiático, apenas os créditos aos produtores, aos editores e ao modelo⁴. Não encontramos a indicação da modelo que representa o feminino nesse interativo. Além dessa informação, falta a referência científica e informativa sobre as zonas erógenas, a constituição do prazer nos corpos machos e fêmeas e nem quais critérios definem essas partes do corpo do homem e da mulher como erógenas.

Ainda que tomarmos por critério de experiência para falar das zonas erógenas, as redatoras são duas mulheres e não apresentam nenhum registro de como compreendem essas zonas de prazer corporal e sexual e nem quais são suas fontes para essas afirmações. Não desqualificamos aqui o trabalho desenvolvido pelos membros que organizaram esse interativo, mas os discursos que perpassam a construção desse artefato pedagógico que está disponibilizado no site da **Nova** e que está disponível, também, na linha editorial *M de Mulher*, da Editora Abril, não denotam embasamentos ou mesmo informações que destaquem a investigação ou problematização para as afirmações disseminadas.

Esse material está disponível para uma das editoriais da revista **Nova** que é chamada de *Amor & Sexo*. Esse eixo norteador define que nessa seção são discutidos os temas que envolvem desejos, sexualidades, convivências,

⁴ Os responsáveis pela produção do interativo, segundo o site da revista são: coordenação de Gabriella Galvão. Design de Renata Tonezi. Analista: Danilo Rodrigues. Edição online: Nathalia Florencio. Fotos: Karine Basilio e Caio Mello. Modelo: Lucas Gil (Ag L’Equipe). Texto: Fernanda Allegretti e Malu Ribeiro.

relacionamentos, truques, fantasias sexuais, como pensar a relação amorosa, entre outros assuntos que permeiam as vivências das leitoras. Nosso enfoque está na abordagem acerca da temática sexual oferecida às leitoras, as representações de desejo e de sexualidade nesse material.

O recorte teórico desta pesquisa não descarta as relações políticas, econômicas, sociais e filosóficas possíveis para pensarmos a revista feminina e seus discursos. Analisar as pedagogias culturais disponibilizadas nesse material midiático fornece elementos para vislumbrarmos como esse material propõe as *performances* femininas relacionadas ao sexo, do mesmo modo que sugerem quais são as masculinidades que estas devem relacionar. O consumo das mercadorias e dos serviços aparenta ser a resolução de qualquer dificuldade ou problema da vida da leitora. O corpo, as roupas, as maquiagens e os produtos que figuram essas publicações prometem mais do que estar no padrão de beleza instituído pelas marcas - eles são ostentados como oportunidades de encontrar o homem ideal e ser feliz.

A apresentação do mapa no corpo feminino é feita com um texto que apela para o humor da leitora e visibiliza a metáfora proposta com o mundo do futebol. Os pronomes possessivos “seu” e “sua” estão presentes no texto e denotam uma relação estável. Além desses indicativos, encontramos também referências como “jantar romântico” e “ao seu lado na cama” que denotam a intenção do jogo para ser feito entre parceiro e parceira fixos e não em relações sexuais casuais. Ao disponibilizar essas marcações, a publicação reafirma uma relação monogâmica, heterossexual e estável como modelo a ser pensado, mesmo que para fins de prazer, não oportunizando a leitora o entendimento de que as zonas erógenas podem ser exploradas com parceiros e parceiras casuais.

As referências ao jogo esportivo continuam presentes no texto de apresentação, sendo evocadas por palavras ou expressões como “figurinhas no álbum da Copa”, “chuteiras”, “segundo tempo”, “prorrogação”, “técnica [que prepara e treina os jogadores]”, “campeã”, “reserva” e “esquema tático”. Essas referências incorporam o mundo do futebol proclamado em muitos momentos como uma prática esportiva masculina.

O homem figura no centro do campo enquanto a mulher está localizada quase que totalmente do lado verde do campo. Inferimos que esse posicionamento também educa as práticas e

os modos de pensar o corpo feminino e o corpo masculino. A publicação sugere que o masculino sente-se à vontade no território do jogo, para percorrer o corpo feminino. Já a modelo é colocada apenas em um dos lados do plano de fundo, indicando que as mulheres precisam ser cautelosas ao estimular o corpo do parceiro.

De certo modo, os anúncios desses cuidados também podem refletir uma preocupação positiva da edição em que as parceiras possam desconstruir nos homens que estão envolvidas uma visão machista de partes do corpo que não devem ou podem ser acariciadas porque denotam determinada feminilidade a eles. Em nenhum momento desejamos destacar a publicação como machista ou feminista, mas problematizamos os sentidos possíveis captados dos discursos veiculados na revista às suas leitoras.

Para o acesso às zonas erógenas do corpo masculino, a revista traz um texto introdutório avisando que “mapeou as zonas mais quentes da anatomia masculina” e se colocando como uma “técnica” ao fazer alusão ao futebol como modalidade esportiva e prepara a leitora para “se tornar uma campeã de beijos, carícias [...]” e conhecer o “esquema tático” oferecido pelo material.

Os corpos são representados por um homem e uma mulher. Em cada uma das zonas erógenas há uma marcação de uma mão para que a leitora ao clicar nesse destaque leia um texto que sugere como cada uma dessas regiões deve ser estimulada. As regiões destacadas no corpo da fêmea são: lóbulo da orelha, lábio superior, nuca, mamilos, pulso, umbigo, lombar, ponto G, entre a coxa e o bumbum, parte interna da coxa e atrás do joelho. No corpo do macho são destacadas as seguintes áreas: olhos, orelhas, pescoço, mamilos, linha do prazer, palma das mãos, dobra do bumbum, cabeça do pênis, bumbum e períneo.

Essa esquematização do prazer dividido por áreas cristaliza as representações do corpo como espaço de desejo. Destacamos um caráter pedagógico relacionado às informações apresentadas, rememorando o conceito de “dispositivo pedagógico da mídia”, destacado por Fischer (2002, p. 587). Concordamos com a autora que os meios de comunicação sugerem pedagogias culturais por meio dos discursos endereçados aos sujeitos e que fornecem “[...] a possibilidade de se reconhecer em uma série de ‘verdades’ veiculadas nos programas e anúncios publicitários, e até mesmo de se auto avaliar ou

autodecifrar [...]” (FISCHER, 2002, p. 587, grifo da autora), usando as informações fornecidas para pensar seu corpo, sua identidade de gênero e as manifestações do desejo, relacionando-as com os parâmetros fornecidos pela mídia.

Recorremos às discussões feitas por Swain (2001, 2006) e Lessa (2005) para pensar nos posicionamentos pedagógicos sugeridos pela publicação de **Nova**. As autoras problematizam as noções de desejo, de sexo e de corpo que são apresentadas pelas mídias. Os meios de comunicação fixam estereótipos, padrões e fragilizam a autoestima e a mobilidade do sujeito em pensar outras identidades possíveis.

[...] dispositivo da sexualidade em ação, que institui e destitui identidades, dita comportamentos, práticas, representações e, sobretudo, auto-representações. Firma-se pelo discurso da mídia, da ciência, da psicanálise, das imagens repetidas sem cessar, criando modelos aos quais devo me ajustar, impondo, insidiosamente, padrões de conduta, valores que devem permitir minha inclusão social, meu pertencimento a um grupo, selo de minha saúde física e mental. (SWAIN, 2006, p. 1).

O dispositivo citado pela autora é costurado aos corpos e, desse modo, sugere significados. Marca discursivamente as possibilidades de toque e de prazer que enunciam o corpo sexuado. A proposta é uma fixação do desejo em determinadas zonas, e estas ainda são classificadas em femininas ou masculinas. Às leitoras são encaminhadas, a todo o momento, a compreender o parceiro, a entender seus medos e anseios no espaço sexuado marcado. Às mulheres, apenas há indicações de espaço, atividade, resultado: esse encaminhamento discursivo mostra que seu corpo, destaca Swain (2001, p. 74), “[...] desenha-se assim sob o olhar do outro, aquele a ser seduzido, aquele que faz de mim um sujeito dotado de significação social”.

Ao analisarmos as pedagogias culturais e os discursos presentes nesse artefato, não comparamos as zonas erógenas ou os desejos de mulheres e de homens, menos ainda restringimos os desejos e as práticas sexuais possíveis aos corpos e aos sujeitos que vivem hoje o conflito do que sentem e do que as mídias indicam que devemos sentir. Problematicamos os discursos oferecidos por esse material e as pedagogias

culturais inscritas nas informações, formas, palavras e imagens que são dadas como parâmetros para a construção do corpo, segundo a publicação.

Nas indicações do corpo feminino e do corpo masculino estão as marcas de um modelo ideal a ser seguido. A construção do corpo, na análise de Foucault (2009b, p. 9), está relacionada ao procedimento de exclusão. O discurso da publicação tende a selecionar os corpos e fixar os desejos e as práticas sexuais, além de dispor de estereótipos, de processos e de marcas discursivas que instauram o corpo desejado e o corpo indesejado. Os corpos mapeados nas imagens são produzidos nas academias de ginásticas, nos procedimentos de tratamentos de fotos e por um discurso de consumo que não escapa a um sistema capitalista e serviços fornecidos pela publicação e por sua editora.

O dispositivo amoroso e a sexualidade formam a trama onde se tece e se produz o feminino – a objetivação indissociável do processo de subjetivação, a produção do sujeito de um saber e a produção do saber sobre um sujeito por meio de práticas discursivas e não discursivas diversas. As tecnologias do gênero têm assim uma dupla face, externa e interna a si mesma, que trabalha na produção do sujeito feminino em quadros de valores para os quais é e cria referência. A ação sobre si utiliza técnicas de adaptação, de recusa, de assujeitamentos aos códigos, aos limites, às normas de gênero e de sexualidade. (SWAIN, 2006, p. 12).

As primeiras zonas erógenas que analisamos são localizadas na cabeça da mulher e do homem apresentados pela **Nova**. Para o corpo das mulheres está em destaque o lóbulo da orelha e o lábio superior. A indicação da publicação é que o parceiro estimule-a dizendo que “seu bumbum me deixa louco” e “não resisto a sua cintura fininha”, o material ainda propõe que o homem mordisque o lóbulo da orelha e dê leves puxões que excitarão sua parceira. Para o lábio superior, e apenas para ele, a publicação indica mordidas e lambidas no centro do lábio e nos cantos.

O corpo privilegiado é o esbelto, de cintura fina e com o “bumbum” proeminente. Essa coisificação da mulher é discutida por Lessa (2005, p. 74) em sua análise dos *outdoors* na

cidade de Maringá (PR). Para a autora, essa “bundalização” não é a ostentação e a circulação desse espaço do corpo feminino ou mesmo a “cinturinha fina” que são aclamadas pela **Nova**. “A bundalização sinaliza aqui uma fragmentação dos corpos em partes, pedaços do corpo em destaque: são peitos, coxas, rostos transformados em ‘mercadoria em via de aprimoramento’” (LESSA, 2005, p. 74, grifo da autora).

O corpo masculino exibido pela **Nova** é territorializado e dividido por zonas erógenas. Diferente do discurso de partes como as que descrevem as regiões de desejo do corpo das mulheres - parte das orelhas, parte da boca -, no corpo masculino ganham outros tratamentos. O discurso inscrito no corpo é explicativo e apresenta detalhes relacionados a um discurso médico biológico, no intuito de validar, de dar veracidade aos ditos da publicação.

O discurso que interpela as leitoras evoca uma delicadeza e o movimento de despertar no parceiro o desejo para que ele faça o movimento de excitá-la. A proposição da publicação é que toque nas pálpebras com o lábio inferior para causar uma sensação “gostosa”. O conselho de **Nova** para a leitora é que ela morda levemente a orelha do parceiro. O “esquema tático” oferecido pela publicação ao agradar esse corpo do macho é subdividido e mensurável. A indicação das redatoras é que as mulheres usem um esquema “4-4-2: quatro lambidas, quatro beijos envolventes e duas mordidas bem de leve”.

O envolvimento do desejo e o despertar de interesses deve ser feito pela parceira. As indicações são feitas registrando os tipos de carinhos que devem levá-los aos próximos passos. Existe um enunciado de que as relações ocorrerão do modo que o parceiro desejar e que ele tomará o próximo passo depois da investida da leitora. As proposições da publicação é que as próximas carícias no corpo feminino sejam feitas na nuca, nos mamilos, no pulso e no umbigo.

As indicações do mapa das zonas erógenas são para que os parceiros beijem e respirem na nuca, toquem levemente com a língua, os lábios e as mãos, apertem levemente a área, lambam, assoprem e chupem a parte interna do pulso feminino no intuito de “deixá-la arrepiada e cheia de tesão”. A explicação do material é que essas atividades oportunizam sensações de calor e de frio à parceira. Na indicação para acariciar o umbigo da mulher, a proposta da revista é que o homem faça massagem com movimentos para

cima e para baixo e que termine a movimentação lambendo ao redor.

Para agradar o parceiro, as indicações da revista são para que mordam o pescoço, a mulher deve “encarnar a vampira” e que chupadas e mordidas vigorosas causam, segundo o mapa de zonas erógenas, a sensação no homem de que a parceira está “a ponto de bala”. Para os mamilos, o material de **Nova** indica que os parceiros podem achar que essa área de prazer é apenas para as mulheres, mas elas devem tentar mesmo que não saibam do desejo do parceiro, assim como eles são estimulados a tratar o corpo da mulher: causando as sensações, sem saber se elas agradam o parceiro e a parceira. A proposta para as leitoras é que elas devem sugar os mamilos do parceiro por um minuto cada.

Os tempos e os movimentos são fixados como se todos os corpos reagissem das mesmas maneiras e sentissem os mesmos prazeres. Essa cartografia do desejo simplifica toda uma teia de experiências e vivências de corpos, sexos e dos prazeres que anteviram a relação desses parceiros. O tom explicativo oferecido ao feminino é sempre lúdico e apresentado com a ideia de uma ação provocante. No texto destinado ao parceiro, são sempre frases curtas e simples que denotam o binômio proximidade-diretividade entre anatomias femininas e masculinas.

O mapa apresenta também, no corpo do homem, uma chamada “linha do prazer” e as palmas das mãos. A explicação para percorrer com as mãos e a língua o espaço entre o umbigo e os pelos pubianos do parceiro é para que ele tenha despertados pontos erógenos nessa área. A indicação é que a leitora faça massagem nessa região e que passe a língua nesse espaço despertando o desejo do parceiro. As mãos são “escolhidas” pela publicação pelo número de terminações nervosas. Nesse espaço, a leitora deve fazer círculos e passar a língua denotando ao parceiro que essa leitora é capaz de fazer o mesmo com o pênis dele.

Para o corpo da mulher, as próximas áreas a serem exploradas são: lombar, ponto G, entre a coxa e o “bumbum”. Na anatomia do parceiro, estão destacadas a dobra do “bumbum”, a cabeça do pênis e o “bumbum”. Na anatomia feminina as indicações do discurso são para massagear a lombar, por causa das terminações nervosas recorrendo mais uma vez a proposição biológica como uma construção da verdade para validar a

intenção do discurso da publicação para garantir a excitação da parceira.

O mesmo movimento de acariciar a região entre a coxa e o bumbum é ligado ao discurso biológico de uma área rica em terminações nervosas. Outra dica para excitar a parceira indica que o homem deve introduzir um dedo na vagina e fazer movimentos como “se chamasse alguém”. Além disso, o material indica que o correto é acariciar com a boca o clitóris da parceira enquanto pressiona a área com dois dedos. O discurso é mecanizado e direto. As explicações, diferentes do movimento feito para a leitora, é detalhado e explicativo, no mapa do corpo feminino é direto e com poucas informações.

No corpo masculino, a leitora é guiada para um discurso sedutor de “não se arrepender de ir pela linha de fundo”. Essa explicação metafórica faz alusão à parceira acariciar as linhas entre os glúteos do parceiro e as coxas. Nesse momento, ela deve massagear a região, além de estimular o períneo e fazer sexo oral no parceiro. A indicação é para que a leitora “masturbe seu querido”, os movimentos são ditados para serem circulares e aumentar a pressão e a velocidade para agradar o parceiro. Após esses movimentos, a sugestão é ir para o “bumbum”.

A publicação sugere que o corpo do parceiro estará cheio de endorfina – mais uma vez apelando ao discurso biológico para a validação do movimento de sedução e prazer do parceiro. O material ainda propõe que a leitora dê tapas, beliscões e arranhe as nádegas do parceiro para excitá-lo mais. O discurso é que esse movimento fará com que o homem penetre em “sua pequena área”, o que nos remete a ideia de que o parceiro é fixo e que a leitora não teve muitos envolvimento. Um discurso recorrente é o ideal de uma virgindade que ainda fica como enunciado nos ditos das publicações femininas, como se o tamanho da genitália estivesse atrelado ao uso dela, fugindo, assim, da concepção biológica e dirigindo a leitora a uma concepção moral do sexo.

As próximas indicações para o corpo do parceiro é que a leitora acaricie a região do períneo que fica entre o saco escrotal e o ânus do homem. A sugestão do material é que a mulher pressione nessa região para massagear a próstata do parceiro, que no material é nomeada de “ponto oculto de prazer”. E, para finalizar a proposta ao mapa de zonas erógenas do corpo masculino, a publicação diz que o “gol” será uma relação

sexual que será “[...] a transa mais alucinante de toda a sua vida”. E a promessa de um relacionamento duradouro quando a publicação finaliza sua cartografia do corpo masculino ao dizer que seu “[...] amor jamais poderá esquecê-la [...]”. Recorremos à análise de Swain (2006, p. 10) para visibilizar a separação nos discursos de “amor está para as mulheres o que o sexo está para os homens: necessidade, razão de viver, razão de ser, fundamento identitário”.

No corpo feminino, as indicações de **Nova** são a parte interna da coxa e o joelho como pontos de prazer. Nessas regiões o material indica para o homem acariciar a região interna da coxa antes de “cair de boca lá embaixo”. Para as carícias atrás dos joelhos, a publicação avisa ao parceiro que ele deve certificar-se de que a mulher está excitada para fazer pressão e massagear com três dedos nessa região para que ela sinta prazer - se a parceira não estiver excitada, o movimento pode provocar cócegas.

Em todos os indicativos referentes ao corpo feminino, o discurso é direto sobre os procedimentos e as possibilidades de causar excitação na parceira. Nos excertos que são dedicados às leitoras, há uma explicação biológica, cultural ou social no intuito de induzir a mulher a praticar a atividade de excitar o parceiro tomando cuidados com determinados tabus ou preconceitos possíveis. Retomamos a análise da imagem do corpo do homem, centralizado no campo, podendo atuar de qualquer lado e em qualquer movimento para com o corpo feminino. Diferente da figura feminina representada que está apenas de um lado do campo e que precisa preocupar-se com determinadas carícias para não assustar o parceiro.

[...] o que é ser sensual? Diz respeito à sexualidade ou a um erotismo difuso, também indefinível? Ou significa a antessala de uma sexualidade praticada? E o que é esta sexualidade, a emoção de corpos que se des-cobrem ou apenas uma mecânica de gestos quase codificados, suspiros e exclamações estereotipadas, ejaculações precoces, orgasmos nunca alcançados? Que busca desenfreada é esta de tremores e espasmos, que institui identidades e quebra vidas, que cria corpos inteligíveis e corpos abjetos, divide os seres em sujeitos e objetos? Esta é a nau dos insensatos moderna, v[al]gando sem rumo, sem destino, sem

perspectiva, voltando sem cessar ao ponto de partida, pois a sexualidade é um mot[e] contínuo onde desejo e poder estão entrelaçados, disfarçados em prazeres duvidosos e instantâneos, dividindo o humano em possuidores e possuídos. (SWAIN, 2006, p. 2-3).

As evidências da sensualidade ou dos desejos no material são sempre direcionadas por prerrogativas para a leitora e para o parceiro. A revista **Nova** vale-se de um discurso estereotipado de masculino e feminino que fixa as relações heterossexuais e faz a manutenção de modelos a serem seguidos. A todo o momento o discurso que conduz as mulheres é para que elas sejam vistas como abertas as carícias e que sejam complacentes e empáticas com os parceiros. O mesmo movimento não é captado no discurso destinado ao homem, que se restringe à técnica, ao procedimento, ao modo de excitar a parceira para a relação sexual.

Swain (2006, p. 4), em sua análise acerca do sexo, explicita que somos “seres construídos” e temos relações que estão em elevados padrões ou em abismos e que existe uma dissociação das possibilidades do corpo da mulher e do homem. O discurso da **Nova** está relacionado com o homem como o que domina a linguagem, a racionalidade e a realidade, fica para mulher o ilusório, a falta.

Esse dispositivo midiático “inventa os corpos”, fixa as criações, as definições e molda o prazer, sem defini-lo nem questioná-lo, para melhor apagar os traços de sua construção e domesticação. “Quem não sente este prazer, tão louvado, sem que se saiba exatamente do que se fala, acha-se doente, anormal”, ressalta Swain (2006, p. 5). São agenciamentos de subjetividade como estes que dão receitas, modelos e limítrofes que definem parâmetros para uma sexualidade saudável. Foucault (2006) discute a construção do discurso e as relações entre saber/poder que os fixam na base biológica, nas explicações médicas, nas didáticas e nas práticas pedagógicas e que definem, normalizam, segregam os sujeitos entre o que é visível e o que é dizível acerca das sexualidades.

FORMAÇÃO DOCENTE: DESEJO E PRAZER COMO PERSPECTIVAS DE ENSINO

Pensar as sexualidades no contexto de uma formação de professores e de professoras está para além das possibilidades de discutir posicionamentos acerca das orientações sexuais, das doenças sexualmente transmissíveis, da explicitação das características sociais e culturais que, juntamente com o aparato biológico, produzem identidades sexuais possíveis. Baseamo-nos em Hooks (2003, p. 115) para pensarmos em uma formação que traga às discussões da prática pedagógica e das didáticas um olhar erótico. Não utilizamos, nesse momento, o conceito de erótico próximo à ideia de pornografia ou de uma sexualidade explicitada como relação sexual, mas precisamos contestar as separações cartesianas de corpo e de mente. Para a autora, a aprendizagem no espaço institucional da sala de aula anula o corpo e desfaz-se de suas possibilidades pedagógicas. É perceptível que ao “[...] tentar recordar os corpos de meus professores e professoras, eu me sinto incapaz de lembrar[-me] deles. Eu ouço vozes, lembro[-me] de detalhes fragmentados, mas muito pouco de corpos inteiros” (HOOKS, 2003, p. 115).

Seguimos Louro (2003, p. 25) no intuito de perceber a produção das subjetividades e das práticas docentes como “um processo plural e também permanente”. Reconhecemos que a formação de professores e de professoras está atrelada diretamente a uma participação ativa dos sujeitos em suas construções subjetivas. A escola é uma possibilidade, mas as práticas e os discursos nos permitem o exercício de “[...] uma pedagogia da sexualidade e do gênero e colocam em ação várias tecnologias de autodisciplinamento e autogoverno que os sujeitos exercem sobre si mesmos” (LOURO, 2003, p. 25).

Enxergar as possibilidades sempre provisórias de formação docente é o que nos faz defender a necessidade de um olhar subjetivo, plural e experimental para as constituições das identidades. Só vislumbrando as pluralidades e as dificuldades de fixação das normas que tentam adestrar os corpos e as subjetividades de alunos e de alunas, de professores e de professoras que percebemos “[...] um investimento continuado e produtivo dos próprios sujeitos na determinação de suas formas de ser ou ‘jeitos de viver’ sua

sexualidade e seu gênero” (LOURO, 2003, p. 25-26, grifo da autora).

As memórias e práticas atuais podem nos contar da produção dos corpos e da construção de uma linguagem da sexualidade; elas nos apontam as estratégias e as táticas constituidoras das identidades sexuais e de gênero. Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras. Muitas outras instâncias sociais, como a mídia, a igreja, a justiça etc. também praticam tal pedagogia, seja coincidindo na legitimação e denegação de sujeitos, seja produzindo discursos dissonantes e contraditórios. (LOURO, 2003, p. 31).

Ao entendermos a formação de subjetividades como uma potencialidade na formação docente, vemos que o conhecimento é uma busca das relações entre a teoria e a prática. Assim, para Hooks (2003, p. 119), nós, “[...] professoras e professores, carregamos esta paixão, que tem de estar fundamentalmente enraizada num amor pelas idéias que somos capazes de inspirar”. Defendermos a sala de aula como “[...] um lugar dinâmico no qual transformações nas relações sociais são concretamente realizadas e a falsa dicotomia entre o mundo externo e o mundo interno da academia desaparece” (HOOKS, 2003, p. 119).

Louro (2003) destaca que ignoramos as possibilidades de sexualidades que fujam das representações heterossexuais. Mais do que isso, as revistas femininas e masculinas, os espaços de socialização, as tendências da moda e as imagens disparadas pelas mídias audiovisuais não nos possibilitam pensar as sexualidades e as possibilidades de desejo para além da heterossexualidade. Somos empurrados pelos artefatos culturais, pelas práticas sociais e pela moral imposta socialmente, por meio dos discursos e dos adestramentos institucionais, a ignorarmos os desejos, a confessarmos nossas orientações sexuais. Hooks (2003, p. 119) afirma que “[...] nada no modo como eu fui treinada como professora realmente me preparou para

presenciar minhas estudantes e meus estudantes transformando-se a si próprio”.

Temos receio das práticas que nos instabilizam. Os professores e as professoras em formação esperam receitas de como alfabetizar, explicar conteúdos e aplicar avaliações. O racional não abre espaços para outras possibilidades de discursos, para as sensações e para os afetos possíveis. Louro (2003) cita que o corpo escolarizado é disciplinado. Ensinamos corpos machos e fêmeas apenas a “ficar sentados por muitas horas” e esperamos “a habilidade para expressar gestos ou comportamentos indicativos de interesse e de atenção, mesmo que falsos” (LOURO, 2003, p. 21-22). Esse treinamento no silêncio e no modelo moderno de fala e de compreensão dificulta a incorporação, a transformação do conteúdo em prática cotidiana - o que ainda aproxima o adestramento escolar da disciplina louvada por Kant (1999), como a negatividade da educação que deveria formar o sujeito para receber o conteúdo. Entretanto, esse adestramento também fragiliza o contato com as experiências, deixa o sujeito dessensibilizado, enfraquece sua capacidade de sentir o conhecimento na pele, de cheirá-lo, de sentir o prazer do toque dele em suas mãos.

Reconhecer que nós nos tocamos uns aos outros na linguagem parece particularmente difícil numa sociedade que quer que acreditemos que não há dignidade na experiência da paixão, que sentir profundamente é ser inferior; pois dentro do dualismo do pensamento metafísico ocidental, idéias são sempre mais importantes que a linguagem. Para cicatrizar a fissura da mente e do corpo, nós, povo marginalizado e oprimido, tentamos retomar nós mesmos e nossas experiências na linguagem. [...] Nós tomamos a língua do opressor e a viramos contra ela mesma. Nós fazemos das nossas palavras uma fala contra-hegemônica, liberando-nos nós mesmos na linguagem. (HOOKS, 2008, p. 863-864).

Não apenas pela língua, como denota Hooks (2008), mas também pelos conhecimentos desenvolvidos e disseminados pelos discursos que podemos entender o caráter produtivo do saber como uma construção social dada em determinadas possibilidades temporais e espaciais.

Louro (2003) afirma que as diferenças estão relacionadas às nossas sexualidades e interferem nas maneiras que pensamos, sentimos e agimos. Concordamos com Hooks (2003, p. 117) que uma educação feminista pode contribuir para a analítica do conhecimento e dos pensamentos críticos oferecidos pela escola para repensarmos as orientações dos “[...] nossos hábitos de ser e modos de viver fora da sala de aula”.

Estimulados por Louro (2003, p. 33) a “[...] duvidar dessas verdades e certezas sobre os corpos e a sexualidade” e, assim, reorganizarmos as formações de professores e de professoras, compreendemos as identidades e as práticas pedagógicas como traços subjetivos passíveis de formulação, de análise e de produção de discussões acerca da função docente. Ao refazer “[...] a história ou as histórias dessa pedagogia [moderna] talvez nos tornemos capazes de desarranjá-la, reinventá-la e torná-la plural” (LOURO, 2003, p. 33).

Vislumbrar os discursos provisórios, possíveis e fragmentados, oportuniza um enfoque à formação de professores e de professoras que repense o bom, o belo e o verdadeiro do século XVIII, que instaurou a educação docilizando e fabricando os corpos. Sugerimos aos nossos alunos e alunas em formação para a docência o potencial da crítica, da análise dos processos da subjetivação e de construção de suas perspectivas com base nas resistências proclamadas por Foucault (2009b). É só no jogo das relações de poder que a formação docente passa a ser um campo de possibilidades e deixa de ser um amoldamento, uma prática conscienciosa ao invés de uma fragilização das subjetividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Promover uma formação docente capaz de desestruturar verdades instituídas como únicas e fixas é uma possibilidade de repensar a prática pedagógica menos atrelada ao ideal de modernidade que ignora as diferenças e não pensa as possibilidades de emoção e de afeto como atitudes pedagógicas. Buscamos práticas próximas às necessidades de uma educação menos machista, sexista e homofóbica. A educação que foi pensada como adestramento precisa ser revista e reformulada para uma atuação política, social e cultural provisória, possível e que tenha como centro de interesse as relações e a formação das subjetividades.

Enxergar as práticas sexuais, o erotismo e o desejo na formação docente, bem como trabalhar com os artefatos culturais para desestabilizar, desestruturar e politizar a atuação de professores e de professoras é uma aposta política entrelaçada às necessidades de uma atuação pedagógica e uma formação de alunos e de alunas menos mutilados e mutiladas. Utilizar dos discursos acerca das temáticas sexuais, do desejo e do afeto são possibilidades de uma incorporação política e cultural aos diferentes modos de ser, de pensar e de agir no mundo.

A formação docente passa pela construção das subjetividades, não ignorando os aspectos eróticos, sexualizados e possíveis afetos desses sujeitos em suas práticas profissionais. Descaracterizar o professor e a professora de suas vivências sexuais, sociais, políticas, culturais, econômicas e afetivas é fragilizar as outras vias do conhecimento e da aprendizagem, é moralizar o discurso pedagógico a tal ponto que a educação não reconhece profissionais inteiros, apenas vozes, sobranceiras cerradas e rostos frios a qualquer vivência que ultrapasse o sentido do conhecimento científico. Instabilizar as relações educacionais e pedagógicas e vivenciar o desejo e o afeto na formação docente é uma forma de reconhecer a atuação pedagógica como uma relação humana e, assim, um processo sem final, mas com perspectivas possíveis, devires.

Referências

- BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 151-172.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (v. 1).
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Mídia e Educação da mulher: Uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV*. **Estudos Feministas**, ano 9, n. 2, p. 586-599, 2001.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar*. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). **Caminhos Investigativos II: outros**

modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 49-71.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento das prisões. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009a.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2009b.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HARAWAY, Donna. Um manifesto para os Cybogs: Ciência, Tecnologia e Feminismo socialista na década de 80. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Antropologia do Ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 33-118.

HOLLENBACH, Gabriela Boemler. **Sexualidade em revista**: as posições de sujeito em Nova e TPM. 2005. 173f. Dissertação. (Mestrado em Comunicação e Informação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRS, 2005.

HOOKS, Bell. Eros, erotismo e o processo pedagógico. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 113-123.

HOOKS, Bell. Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 857-865, 2008.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. 2. ed. Unimep: São Paulo, 1999.

KAPLAN, E. Ann. **A mulher e o cinema**: os dois lados da câmera. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

LESSA, Patrícia. **Mulheres à venda**: uma leitura do discurso publicitário nos *outdoors*. Londrina: Eduep, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 7-34.

MACEDO, Elizabeth. A Cultura e a Escola. In: MISKOLCI, Richard. (Org.). **Marcas da diferença no ensino escolar**. São Carlos: EdUFSCar, 2010. p. 11-43.

PLANT, Sadie. **Mulher digital**: o feminino e as novas tecnologias. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1999.

SWAIN, Tania Navarro. Feminismo e recortes do tempo presente. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v. 15, n. 3, p. 67-81, 2001.

SWAIN, Tania Navarro. Entre a vida e a morte, o sexo. **Labrys - estudos feministas**, jun./dez. 2006. Disponível em:

<<http://www.tanianavarrowswain.com.br/labrys/labrys10/livre/anahita.htm>>. Acesso em: 17 jul. 2012.

TERUYA, Teresa Kazuko. **Trabalho e educação na era midiática**: um estudo sobre o mundo do trabalho na era da mídia e seus reflexos na educação. Maringá, PR: Eduem, 2006.

TERUYA, Teresa Kazuko. Sobre Mídia, Educação e Estudos Culturais. In: MACIEL, Lizete Shizue Bomura; MORI, Nerli Nonato Ribeiro. (Orgs.). **Pesquisa em Educação**: múltiplos olhares. Maringá: Eduem, 2009. p. 151-165.

THOMPSON, John B. A nova visibilidade. **MATRIZES**. São Paulo, v. 1, n. 2. p. 15-38, 2008.